

O sentido de utopia em Luiz Ruffato

Rosana Corrêa Lobo*

Resumo: Investigação de como se configura o sentido de utopia na obra do escritor mineiro Luiz Ruffato. Sua literatura tece um retrato crítico da história do país, apresentando um quadro de violência e exclusão social, que passa do interior de Minas nos anos 50 para a vida nas grandes metrópoles brasileiras no início do século XXI, sem que nenhuma melhoria verdadeiramente transformadora aconteça. O quadro trágico apresentado por Ruffato, de uma pobreza irremediável, teria, no entanto, uma saída: o mundo dos livros. O autor acredita que a literatura tem o poder de transformar pessoas, e, como a sociedade é feita de pessoas, a literatura teria, para ele, o poder de transformar o mundo.

Palavras-chave: Luiz Ruffato. Utopia. Brasil. Literatura.

Abstract: *Investigation of the meaning of utopia in Luiz Ruffato's literature. His literary work uses to make a critical picture about Brazilian's history, presenting a violent and social exclusion painting of the society since the rural life in fifties in Minas Gerais up to the beginning of 21th century without consistent changes. The tragic picture presented by Ruffato has however an exit: the book's world. He believes that the literature has the power of change people and, as the society is made of people, the literature has the power of change the world.*

Keywords: *Luiz Ruffato. Utopia. Brazil. Literature.*

* PUC-Rio, rosanaclobo@gmail.com

“Eu acredito, talvez até ingenuamente, no papel transformador da literatura”, disse o escritor mineiro Luiz Ruffato, em discurso proferido na Feira Internacional do Livro, realizada em Frankfurt, em 2013. Filho de uma lavadeira analfabeta e de um pipoqueiro semianalfabeto, tendo passado ele também pelas funções de pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro-mecânico e gerente de lanchonete, o autor de *Eles eram muitos cavalos* (2001) e da saga *Inferno provisório* (2005-2011), publicada em cinco volumes pela editora Record, teve o seu destino modificado pelo contato fortuito com livros, conforme afirma em diversas entrevistas.

Quando recebe uma bolsa para estudar no Colégio Cataguases, frequentado pela elite da pequena cidade localizada na zona da mata mineira, aos 12 anos, o hoje premiado autor, sentia-se à época deslocado, sem jeito. Refugia-se então na biblioteca da escola, onde recebe da bibliotecária um exemplar de *Bábi Lar*, de Anatoly Kuznetsov, sobre o massacre de judeus pelo exército alemão, em Kiev. É através da literatura que ele percebe que o mundo é muito maior do que a sua cidade.

“Se a leitura de um livro pode alterar a vida de uma pessoa, e sendo a sociedade feita de pessoas, então a literatura pode mudar a sociedade”, prossegue no discurso de Frankfurt. Mas, em que consistiria mudar a sociedade? Para Ruffato, a história do Brasil vem sendo alicerçada quase que exclusivamente pela negação explícita do outro, por meio da violência e da indiferença. Essa negação do outro, ou seja, daquilo que nos constitui, a nossa alteridade, faz com que sejamos ignorantes de nós mesmos. Para contrapor a histórica negação desse outro, tanto nos discursos oficiais, quanto na própria história da literatura brasileira, Luiz Ruffato tem dedicado a sua obra, desde 1998, quando publicou *Histórias de remorsos e rancores*, a representar um lado da nação historicamente excluído: operários, lavadeiras, costureiras, prostitutas, pipoqueiros, tecendo uma interpretação contundente da realidade nacional.

Com o objetivo de contribuir para o fim do “esquecimento” desse outro, é que Ruffato escreve. “Quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o

mundo. Trata-se de uma utopia, eu sei, mas me alimento de utopias”. Se o dicionário Houaiss entende por utopia um lugar ou estado ideal de coisas, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos, uma sociedade ideal fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade, a literatura de Luiz Ruffato compreende que esse sentido traz em seu bojo qualquer coisa de fantasioso e de difícil realização, mas não deixa de tentar transformar o *status quo*, começando pela autocrítica.

Em *Inferno provisório*, o autor faz da estrutura literária, moldura para interpretar o país, criticando o modelo de modernização pelo qual optamos. O discurso sobre a história pátria ganha um tom crítico de modo que a “comunidade imaginada” pelo autor não pressupõe a conciliação entre vencedores e vencidos, tal qual a traçada por José de Alencar em seus romances indianistas, que pressupunham um consórcio harmonioso entre o colonizador e o autóctone.

A partir do modernismo, já começa a predominar em nossa literatura uma ideia pessimista com relação ao presente e problemática com relação ao futuro do país. A compreensão de que somos um país atrasado se dá em duas fases distintas: na primeira, em meados da década de 1930, quando vigora uma consciência amena do atraso nacional, uma vez que o Brasil ainda se considerava um país novo. Neste ideário ilustrado, a instrução traria automaticamente todos os benefícios e permitiria “a humanização do homem e o progresso da sociedade”. A literatura desse período tinha uma missão “combativa” (CANDIDO, 2006, p. 176).

Num segundo momento, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, começa a vigorar uma consciência catastrófica do atraso, aparecendo a noção de “país subdesenvolvido”, onde predomina o analfabetismo, a debilidade cultural, a falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais), a dispersão e a fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, além da debilidade econômica e política e da dependência cultural (Idem, p. 173). As massas, quando absorvidas pelo processo de urbanização, “passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em

quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa” (p. 174), de modo que saltamos da “segregação aristocrática da era das oligarquias para a manipulação dirigida das massas, na era da propaganda e do imperialismo total” (Idem, 176).

O autor mineiro atualiza essa consciência catastrófica do nosso subdesenvolvimento, denunciando a opção por um modelo de modernização que faz com que nos tornemos ao mesmo tempo consumidores do século XXI e cidadãos do século XVIII. Experimentamos a entrada no mundo do progresso e do acesso às benesses do consumo, sem passar pela modernização das relações sociais e sem ter acesso às prerrogativas básicas da cidadania. As histórias de vida descritas em *Inferno provisório*, assim como a estratégia narrativa utilizada por Luiz Ruffato na saga, reforçam a precariedade das vidas de suas personagens “invisíveis” e ajudam a compor uma imagem arruinada da nação.

O autor opera, assim, uma dupla subversão, para a qual chama a atenção Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira no ensaio *Tecido em Ruínas*: “no plano estético, desmonta a forma usual de romance e no plano ideológico se apropria do conceito benjaminiano de ruína” (2013, p. 35). A deterioração das relações sociais, diagnostica o próprio Ruffato, “emerge na precariedade formal do livro, que avança sem avançar, que tartamudeia em espasmos, numa espiral de solidão, abandono e denegação. Ruínas, forma e conteúdo, apenas ruínas...” (“Até aqui tudo bem”, 2008, p. 322).

Ao captar fragmentos de um todo malogrado, *Inferno provisório* inquire sobre os meandros de um projeto de modernização excludente, cujos resultados ajudaram a perpetuar as profundas desigualdades nacionais. Assim, o autor resgata a história recente de um país que “adentrou às labirínticas instâncias da pós-modernidade sem ter passado, com alguma solidez, pelos necessários estágios da modernidade”, ou seja, sem ter alicerçado sua autonomia no desenvolvimento dos campos da educação, cultura, saúde e cidadania (OLIVEIRA, 2013, p. 15).

A história nacional combina elementos de um crescimento econômico em níveis altamente acelerados - no campo das tecnologias de comunicação,

produção energética, indústria automobilística, entre outros - aliado ao mais profundo atraso social, de modo que grande parte da população não é atingida pelas benesses de tal progresso. Em vez de uma modernização inacabada, vivenciamos uma modernização finalizada, porém, como observa Oliveira, com “danos irreversíveis para a população que não foi contemplada com o espetáculo vernacular da modernização e para quem a modernidade é um discurso tão distante quanto inacessível” (Idem, p. 73).

Ruffato procura mostrar que passamos da roça para a periferia decadente sem escalas, trazendo para seus livros imagens da industrialização e urbanização desenfreadas, o abandono do campo, a manutenção da velha ordem patriarcal, a modernização excludente, a precariedade da saúde, o analfabetismo, a dispersão das famílias, racismo, preconceito religioso entre outras questões intimamente ligadas à realidade nacional, que se entrelaçam e se repetem, de modo a traçar o perfil de uma sociedade regida pelo consumo de bens materiais e simbólicos, na qual os direitos de cidadania são dispensados.

A imagem do Brasil é, para Ruffato, calcada num paradoxo: oscila de mito do jardim do éden e da crença de que somos o país do futuro à trágica consciência de país atrasado e injusto. De “região exótica, de praias paradisíacas, florestas edênicas, carnaval, capoeira e futebol”, a lugar “execrável, de violência urbana, exploração da prostituição infantil, desrespeito aos direitos humanos e desdém pela natureza”. Ora somos festejados como um dos países melhor preparados para ocupar o lugar de potência mundial, por nossos “amplos recursos naturais, agricultura, pecuária e indústria diversificadas”; ora estamos destinados a ocupar um “eterno papel acessório, de fornecedor de matéria-prima e produtos fabricados com mão-de-obra barata”. Isso porque somos a sétima economia do planeta, mas permanecemos em terceiro lugar entre os mais desiguais de todos.

Em *Inferno provisório*, ele procura chamar a atenção para o fato de que nos últimos 50 anos, passamos de um perfil socioeconômico agrário, patriarcal, conservador e semifeudal para uma urbanização “desenfreada, desarticuladora e pós-industrial” (RUFFATO, 2008, p. 322) sem nenhuma transformação

significativa nas bases da nossa cultura. Os problemas do país, para ele, além de terem origens seculares herdadas da velha ordem colonial, escravocrata e patriarcal, carregam um continuísmo retrógrado, experimentam uma renovação conservadora, na qual a ideologia do período anterior permanece presente numa sociedade que se quer moderna e civilizada. São exemplos, o racismo, a precariedade da educação, a incapacidade de separarmos a vida pública da privada, já denunciada por Sérgio Buarque de Holanda em 1936, em *Raízes do Brasil*; dentre outras questões.

Além de apontar para um passado “podre”, a obra de Ruffato, em especial, o seu *Inferno provisório*, aponta para a falta de rumo da nação ‘engessada num caminho sem saída, metaforicamente representado pelo beco do Zé Pinto’, onde vivem em condições sub-humanas, um amontoado de domésticas, alcoólatras, desempregados, costureiras, e operários zumbis, das inúmeras indústrias têxteis instaladas em Cataguases.

Uma rotina de trabalho maçante e sem perspectivas, a falta de especialização para o trabalho, a incultura, a busca incessante por um centro urbano maior ‘baú de promessas’ nunca encontrado, o consumismo exacerbado, o crescimento desordenado das cidades, a violência e a exclusão social são uma constante nesse modelo de crescimento neoliberal, que faz com que os pobres de todo o mundo se sintam participantes privilegiados da modernidade ainda que faltem escolas, hospitais, moradia própria.

O contraste entre as benesses do progresso material e o atraso social, nos levam a pensar numa concepção de tempo nacional “heterogêneo”, como propõe o crítico indiano Partha Chartejee. Nas sociedades periféricas, de passado colonial, explica o autor, a modernidade não se instala de maneira igualitária, pois não existem condições previamente adequadas baseadas em conceitos universais como cidadania, sociedade civil e democracia. Assim, nas sociedades periféricas, democracia e nepotismo; liberalismo e escravidão; urbanização e favelização convivem.

Se entre as décadas de 1950 e 1970 pairava entre os brasileiros uma sensação de que faltava dar alguns passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna, a obra de Ruffato mostra que esse otimismo vai mudando a

sua forma. A impossibilidade de voltar ao passado, somada à falta de perspectiva em relação ao futuro, só faz crescer a desesperança. Se durante um período relativamente longo, o presente nacional tinha sido melhor do que o passado, e o futuro prometia ser melhor do que o presente, na década de 1990, progressivamente, a ideia de um futuro de progresso individual vai se esfumando. Para João Emanuel Cardoso e Fernando A. Novais, a sociedade patina, nesse período, “não encontra saídas coletivas que restaurem o crescimento econômico acelerado e a mobilidade social ascendente. E as esperanças vão sendo frustradas uma a uma” (1998, p. 14).

No ensaio *A nova questão social brasileira*, de 1998, a professora de Sociologia da USP Vera da Silva Telles, afirma que durante décadas a nossa pobreza figurou como um sinal de atraso que haveria de ser superado pelas forças do progresso, mas que no momento parece se fixar “como realidade inescapável, dado incontornável posto pelos imperativos do mercado em tempos de aceleração econômica e revolução tecnológica” (Telles, 1998, p.107). Nessa virada de milênio, quando escreve a professora, imperam imagens de uma “pobreza sem redenção” (Ibidem).

As personagens de Ruffato, que ao longo dos cinco romances fugiram de sua história e de seu passado atrás de um “pote de ouro” que estaria nos grandes centros urbanos, chegam à virada do milênio esgotadas. A massa de trabalhadores recrutada pelo aquecimento econômico a partir da década de 1950 está à deriva, entregue às forças cegas do capitalismo sem freios e do desenraizamento. As noções de direitos e cidadania que foram formulados como promessas da modernidade, e que nem chegaram a se efetivar, aparecem no fim da década de 1990 e início dos anos 2000 como o seu avesso: como atrasos, anacronismos, privilégios e corporativismos que impedem a “modernização do mercado” (TELLES, 1998, p.108).

O que o autor mineiro mostra é que para os desempregados e excluídos que não tem lugar na atual fase do capitalismo globalizado, a sua pobreza é apenas a evidência de sua “incapacidade” de se adequar ao progresso contemporâneo. Esses “inempregáveis” – para usar o termo cunhado por Vera da Silva Telles -, de *Inferno provisório*, sem qualificação ou competência, que

se tornaram dispensáveis para o atual ciclo da modernização brasileira não chegaram a lugar nenhum e tampouco têm para onde voltar.

Esse sentimento de estarmos num beco sem saída, à deriva, tópico caro à literatura contemporânea de sujeitos sem identidades fixas, aparece em Ruffato de maneira singular, como a metáfora de um processo histórico nacional que patina. O autor volta ao Brasil rural na década de 1950 para mostrar o quanto os nossos problemas de hoje já estavam postos desde então. Passam-se os anos, as décadas, modernizam-se os bens, mas a sociedade continua desassistida como sempre, só que cada vez mais desarticulada. O projeto literário de Luiz Ruffato dramatiza então os 50 anos do engodo de uma modernidade - ou da comédia de um progresso - que desenraiza, desagrega, desemprega e descarta as populações. Pode-se dizer, no entanto, que duas coisas assumem constância desde o Brasil colônia até o neoliberalismo: a conservação dos privilégios nas mãos de poucos e a carência das prerrogativas básicas de cidadania para as massas.

Esses “efeitos perversos” do passado colonial que, apesar das transformações do país, prolongam-se nos séculos XX e XXI, somados às tendências da Globalização neoliberal, fazem com que os pobres de agora (outrora escravos) tenham outros senhores e sejam cada vez mais dependentes dos rumos do dinheiro e extremamente suscetíveis aos fluxos da riqueza, que os levam a reboque, de um lado para o outro.

O discurso sobre a nação em Ruffato propõe que a redenção não está no passado remoto ou no interior longínquo e tampouco na dispersão para os grandes centros ou para fora do país, como mostra em *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), mas pelo reconhecimento de um outro historicamente negado, conforme proposto pelo autor em seu discurso em Frankfurt. Esse outro imigrante, pobre, negro, desempregado, alcoólatra, descartado pela sociedade acaba por sucumbir numa estranha sensação de não-pertencimento. “Como não enxergamos o outro, o outro não nos vê. E assim acumulamos ódios – o semelhante torna-se inimigo”, sentencia.

Assim, a competição exacerbada, selvagem, transforma a violência num recurso cotidiano para a sobrevivência. No entanto, “uma sociedade que não

dá valor à vida não pode pretender que os excluídos, do emprego, da escola, da vida familiar, considerem a vida um valor. A violência é, também, resultado da progressão avassaladora do individualismo das massas”, apontam João Manuel Cardoso de Mello e Fernando A. Novais, em *A que ponto chegamos*, balanço escrito na virada do milênio (1998, p. 13).

Ao revolver a impossibilidade de dar certo no rumo em que estamos, o autor mineiro nos convoca a pensar nos efeitos destrutivos tanto do passado quanto da espera incessante por dias melhores, sem que nada de verdadeiramente transformador se faça e aconteça. Em sua saga, não cabe pensar que somos um país novo, um “país do futuro”, para ficarmos esperando soluções milagrosas tipo *Deus ex machina*. Tampouco a fuga do nosso passado – seja pela negação e/ou migração – vai fazer com que sejamos uma nação verdadeiramente moderna. O medo de olhar para o que somos dá origem a periódicos rompantes de entusiasmo injustificado.

“Eu lembro de tudo e isso machuca a gente”, diz a personagem Dinim ao amigo Zezé, n’*O livro das impossibilidades* (RUFFATO, 2008, p. 151). Se lembrar o passado é desconfortável, apagá-lo tampouco faz do Brasil um lugar melhor para se viver. Assim, *Inferno provisório* faz da estrutura literária uma moldura para interpretar o país, diferente do projeto romântico - que cria mitos e heróis que funcionam como ‘cimento ideológico’ para a edificação da nação - e da proposta modernista - na qual existia uma consciência de nosso atraso e um tom crítico a respeito de nossa história, mas guardava uma utopia, acreditava num projeto modernizador para o país.

O projeto de Ruffato de escrever cinco romances sobre a formação do nosso proletariado parece, à primeira vista, uma reciclagem anacrônica do modernismo, no entanto, tanto a forma, quanto o conteúdo da pentalogia rasuram o sentido de imagem ‘única’ e ‘totalizante’ do passado e ainda de um sentido da utopia.

De acordo com Flávio Carneiro no ensaio *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, estaríamos vivendo um tempo ‘pós-utópico’,

reportando-se ao termo criado por Haroldo de Campos¹. O ‘princípio-esperança’ e o espírito combativo que teriam marcado o imaginário modernista, voltado para o futuro, são substituídos pelo ‘princípio-realidade’, centrado no presente (CARNEIRO, 2005, p.18). Há, para este ensaísta, o deslocamento de um imaginário marcado pelo desejo de mudança radical e por uma visão otimista do futuro, para um outro imaginário, no qual não há projetos grandiosos, mas apenas projetos particulares focados no desenrolar minucioso do dia-a-dia.

Se já não cabe mais falar no ‘princípio-esperança’, que norteou os projetos da modernidade, no sentido de que não faz mais parte do nosso imaginário a crença em grandes empreendimentos redentores, há, por outro lado, algum vislumbre de uma nova trilha: a da incerteza, dos pequenos projetos, da incompletude (Idem, p. 29).

Inferno provisório surge, pois, tão somente da necessidade pessoal de representação da realidade nacional de um determinado ponto de vista, o do autor, e não obedece a um programa ou um projeto orientador.

A leitura descompromissada de algumas opiniões pinçadas ao acaso em jornais, revistas, ensaios e mídias digitais, revelam que há uma generalizada falta de consenso sobre a imagem do país. Seja porque estaríamos vivendo tempos de crise das grandes ideologias e utopias, seja pela revolucionária experiência da Internet, ferramenta que democratiza o direito à palavra. De achismos a opiniões contundentes ou polêmicas, observamos ideias das mais variadas. Para Zuernir Ventura e Domênico Di Mardi, por exemplo, o país estaria vivendo uma “onda de mau-humor” “sem motivos”, uma vez que podemos servir de modelo de vida ‘universal’ por conta de nossa miscigenação, sabedoria, beleza, harmonia e ainda por nossa “vocação para a alegria” (O GLOBO, 04/06/2014). Já Arnaldo Jabor traça um quadro pessimista: a camaradagem e a hospitalidade estariam dando lugar à violência: ônibus queimados, presos massacrados, “uma revolta sem rumo”, um rancor geral contra tudo e contra todos, de modo que o Brasil estaria com “ódio de si mesmo” (O Globo, 06/05/2014). A solução para ele seria tirar do poder “esses caras que se julgam os sujeitos da história. Até que são mesmo, só que de

¹ CAMPOS, Haroldo de. “Poesia e modernidade: Da morte do verso à constelação. O poema pós-utópico, Folhetim da Folha de S. Paulo, 7 e 14/10/1984.

uma história suja e calamitosa” (*O Globo*, 06/05/2014, p. 10). Para o jornalista Luciano Trigo, “sem valores básicos comuns, sem uma ética dissociada de interesses políticos, sem noções compartilhadas de certo e errado, nenhuma sociedade pode prosperar” (*O Globo*, 22/03/2014).

O quadro de pessimismo traçado por João Manuel Cardoso de Mello e Fernando A. Novais no ensaio de 1998, bem como a imagem de uma “pobreza sem redenção” construída pelo escritor mineiro em *Domingos sem Deus*, que se estende ao limiar do século XXI, ganha novos contornos agora. O discurso de Ruffato em Frankfurt, em 2013, soa como uma nesga de otimismo. Embora o autor lamente que ainda soframos com o legado de “500 anos de desmandos”, ele reconhece que o país tem avançado com o reestabelecimento da democracia, a estabilidade política e econômica, as conquistas sociais. Para ele é inegável “a importância da implementação de mecanismos de transferência de renda como as bolsas família, ou de inclusão, como as cotas raciais para ingressos nas universidades públicas”.

A consolidação da democracia no país, somada a contenção do neoliberalismo sem freios através das políticas sociais permitiria que pudéssemos finalmente cultivar uma “política da esperança” – o que para a crítica literária Beatriz Resende não quer dizer que tenhamos uma “aceitação unânime das políticas de estado, tampouco ausência de manifestações de descontentamento”. Para a autora, estaríamos passando de país unicamente receptor para país fornecedor, com capacidade de nos organizarmos democraticamente e afirmar as nossas vozes. O surgimento de uma “nova classe média” e de novas subjetividades que emergem das periferias das grandes cidades brasileiras, assim como a literatura de Luiz Ruffato, vem finalmente rebater a exclusão social através de uma literatura compromissada e conjuntural como alternativas para enfrentar os efeitos da globalização neoliberal.

A globalização, como coloca Néstor Gracia Canclini em *Consumidores e Cidadãos*, é uma tendência irreversível. O global, no entanto, não é necessariamente o substituto do local e tampouco o modo neoliberal de nos globalizarmos é o único possível. Portanto, a reivindicação do debate sobre as

singularidades nacionais e formas não-hegemônicas de representação da realidade nacional não tem em Ruffato o cunho essencialista. Trata-se de propor um debate sobre aqueles que foram “varridos” da história nacional para debaixo do tapete e que agora, diante da estandardização cultural, são mais uma vez banidos. O debate sobre a dignidade e civilidade, respeitando as diferentes culturas, não exclui pensar uma sociedade solidariamente globalizada.

A História feita por papéis, diz um cego em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, “deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel e só se bota no papel o que interessa” (1984, p. 515). O que Luiz Ruffato se propõe é pegar de pena e tinteiro, ou melhor, o computador, para botar no papel um pouco daquilo que ficou de fora: a história dos vencidos. É um macro romance que abre mão do resgate de uma verdade única sobre a formação das desigualdades brasileiras. Escrito com as sobras da história, com aquilo que a história oficial rejeitou, expeliu, empurrou para a margem. É um romance que desinventa as formas de pensar homogeneizantes tanto no âmbito nacional quanto no âmbito global. Instiga a pensar que o apagamento da própria história pessoal, familiar, nacional ou global não nos torna mais felizes. Reivindica que temos que retomar o debate da cidadania que abandonamos quando passamos a discutir o crescimento econômico.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. *In*: Educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Flávio. **No país do presente**: ficção brasileira no início do século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CHARTEJEE, Partha. **La nación en tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos**. Buenos Aires: siglo Veinteuno, 2008.

GOMES, Renato C. “Heranças, espectros, resíduos: imaginar a nação em tempos heterogêneos”. *In: Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Renavan / Faperj, 2014.

JABOR, Arinaldo. “O Brasil está com ódio de si mesmo”. *O Globo*, Segundo Caderno, 06/05/2014, pg. 10.

MIRANDA, Wander Mello. **Nações literárias**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

MELLO & NOVAIS, João Manuel Cardoso e Fernando A. A que ponto chegamos. *In: A que ponto chegamos: balanço do governo fncardoso e perspectivas da oposição*. Revista Praga: estudos marxistas, n. 6, setembro de 1998.

OLIVEIRA, Marcos Vinícius Ferreira de. **Tecido em Ruínas**: fabricação e corrosão das Cataguases no Inferno provisório de Luiz Ruffato. São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

_____. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. “Até aqui tudo bem! (como e porque sou romancista – versão século 21)”. *In: Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Izabel Margato, Renato Cordeiro Gomes (Org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **Domingos sem Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Mamma, son tanto Felice**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **O livro das impossibilidades**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **O mundo inimigo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Vista parcial da noite**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TELLES, Vera da Silva. “A ‘nova questão social’ brasileira”. *In: A que ponto chegamos: balanço do governo fncardoso e perspectivas da oposição*. Revista Praga: estudos marxistas, n. 6, setembro de 1998.

TRIGO, Luciano. O facebook ajuda a entender o Brasil. *O Globo*, 22/03/2014.

VENTURA, Zuenir. “A onda de mau humor”. *O Globo*, 04/06/2014. P. 21.

Documento eletrônicos:

RUFFATO, Luiz. Discurso de Frankfurt. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463,0.htm>. Acesso em dezembro de 2013.